

Dinheiro na Psicanálise: para além da cifra

Gabriela Vargas de Almeida Ribeiro

Ciclo V - Quarta-feira Noite

1 semestre de 2023

O dinheiro é um dos balizadores da nossa vida. Através desse possuímos a capacidade de troca, de serviços, de produtos e no caso da psicanálise, de uma escuta qualificada. Figueiredo (apud Paula, 2001) fala que o dinheiro está entre nós, entre o social e individual, entre o interno e externo, sendo um papel de mediador. Freud (1913/1996) recomenda aos seus analistas tratar da questão com franqueza, sem hipocrisia. Mas como ter essa visão franca no meio clínico?

Um caminho possível é enxergar o dinheiro na Psicanálise para além da cifra, para além do pagamento. Nesse percurso, por conseguinte, é importante perceber o que o dinheiro representa para o paciente, e para quem está na função de analista.

Freud (1908) refere que o dinheiro entra como um objeto pulsional pertencente ao circuito anal. Sobre o período da infância, relaciona fezes e dinheiro, demonstrando que as fezes seriam o primeiro objeto de troca entre a criança e seus cuidadores. De acordo com o autor, a partir do controle do esfíncter o infante manifesta uma negociação afetiva em que descobre que pode ceder ou negar (Freud, 1905). Posteriormente, o dinheiro ocupa este lugar.

Além disso, propõe que a zona erógena anal tem ligação com traços de caráter de determinadas pessoas e como elas, posteriormente, lidam com o dinheiro. Nestes casos, processos de sublimação e formação reativa podem transformar o que foi uma dádiva, em determinado momento da vida, em algo imundo, sujo (Freud, 1908). É comum recebermos nos nossos consultórios ou termos exemplos de pessoas na nossa vida pessoal que estabelecem esse tipo de relação com a cifra.

Concomitante a isso, no espaço clínico, ao pensar na análise para além de uma prestação de serviço, é importante considerar que não se trata de uma mera operação comercial, mas sim de uma operação de negociação com o Outro em que a pessoa paga para com o intuito de se conhecer melhor (Macedo, 2014). Todavia, não é isso que acontece, pelo simples fato do analista não ser aquele que fará grandes revelações a seu respeito, mas aquele que (re)construirá um caminho com o analisante, a partir da história de vida do mesmo (Freud, 1937). Assim, o dinheiro no contexto analítico participa como um significante da falta (Paula, 2001). E, comumente, há uma posição de barganha monetária na tentativa de recuperar o que o analisando acredita que lhe foi tirado. (Viviani, 2014).

É importante ressaltar que a análise não deve se situar numa posição de mercadoria, em que o valor monetário passa por uma banalização da nossa práxis a fim de vender mais. Afinal, o desejo do analista não é o de vender, mas, parafraseando Lacan (1986/1988), de que haja análise. Desse modo, outros reajustes monetários são possíveis, e muitas vezes necessários, sendo pensados caso a caso. Isso é refletido bem com essa passagem de Quinet (2017):

"Se o dinheiro serve para amoedar o capital da libido, o preço a ser pago para além do registro da necessidade não pode ser barateado. É só quando o preço é elevado para aquele sujeito que ele pode equivaler ao preço do sintoma, tendo cada analisante, portanto o seu preço. O analista não pode ter um preço fixo para todo e qualquer um que venha bater à sua porta, pois isto seria situar sua práxis não no registro da libido, e sim no da prestação de serviços, no *time is money*." (Quinet, 2017, p. 89)

Até agora, passamos pelo lado do analisante nessa temática, mas o analista também possui suas questões com o dinheiro. "Analista" é uma função que se exerce, e para seu exercício é necessário que haja ali um ser humano, que também possui suas implicações com a cifra.

Ao contrário do que muitos pensam, o analista também paga. Lacan (1958) fala que o analista paga: com palavras, visto que a sua interpretação tem peso na função analítica; com

sua pessoa, já que necessita colocar-se como suporte do analisando e dos seus fenômenos transferenciais; e paga com o seu desejo, precisando intervir sem juízo de valor ao que vai no cerne do ser.

Fica explícito, portanto, que o tema do dinheiro na psicanálise é complexo e certamente vai além das diminutas contribuições que propus fazer. Cabe, por sua vez, ao corpo psicanalítico uma maior reflexão - bilateral é claro - das funções do dinheiro na Psicanálise e, mais especificamente, na clínica.

Referências

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos II . Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 5).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade . Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. (1908). Caráter e erotismo anal. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. (1913). Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. (1917). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, S. (1937). Construções em análise. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FIGUEIREDO, L, C. In: PAULA, K. (2001). \$EM: Inclusão do Dinheiro no Manejo da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LACAN, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1986). O Seminário livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MACEDO, E. (2014). A sessão e seu preço: a análise lacaniana custa sempre caro? In: FORBES, J. *Psicanálise: a clínica do Real*. Barueri: Manole, 2014.

PAULA, K. (2001). *\$EM: Inclusão do Dinheiro no Manejo da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

QUINET, A. (1991). *As 4 + 1 Condições da Análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

VIVIANI, A. (2014). Considerações sobre o dinheiro na psicanálise. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 37, n. 58, p. 59-69, jul. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200006&lng=pt&nrm=iso>